

Jovens como agentes sociais na reinvenção do movimento tradicionalista gaúcho: um estudo de caso no CTG Província Gaúcha¹

Laura Pinheiro Huppés²

Silvio Antônio Colognese³

Resumo: Os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) são espaços de representação simbólica e manifestação da cultura gaúcha onde diversas gerações se encontram. O artigo tem como objetivo analisar a contribuição dos jovens para a reinvenção da tradição gaúcha, em um contexto de modernidade, no qual a globalização e as múltiplas identidades do sujeito acabam por enfraquecer os ideais de comunidade local e tradição. O estudo foi desenvolvido com base na bibliografia especializada sobre o tema e pesquisa qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas realizadas com jovens participantes do CTG Província Gaúcha, localizado no município de Toledo, no Paraná. De caráter exploratório, o estudo apresenta dados sobre as concepções desses jovens a respeito das suas trajetórias e das principais contribuições e desafios encontrados, neste ambiente de práticas tradicionais. A presença da juventude, que constantemente é afirmada como essencial para a continuidade do movimento, afirma o jovem como um agente necessário de mudança e adaptação ao contexto atual. Entre seus principais aportes, destacam-se a presença tecnológica e a inclusão de pautas como a presença feminina, juvenil e das diversidades sexuais e de gênero no palco das discussões e decisões sobre os caminhos do tradicionalismo gaúcho. Assim, o jovem atua diretamente na reinvenção das tradições, trazendo questões importantes para o debate, proporcionando a possibilidade de um rompimento de estigmas, e abrindo novas possibilidades para a sequência da relevância do Movimento

¹ Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Laura Pinheiro Huppés, apresentado ao Curso de Ciências Sociais - UNIOESTE - Campus de Toledo, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais, sob orientação do Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese.

² Graduada em Ciências Sociais - Licenciatura - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus de Toledo.

³ Doutor em Sociologia pela UFRGS e docente associado da UNIOESTE, Campus de Toledo PR.

Tradicionalista, que funciona como um importante espaço de socialização, aprendizado, desenvolvimento e pertencimento para seus integrantes. Os resultados desse artigo podem fornecer contribuições importantes para a compreensão das dinâmicas presentes nos CTGs e fomentar novos estudos e debates nesta área de pesquisa.

Palavras-chave: Juventude; Centros de Tradições Gaúchas; Modernidade; (Re)invenção das tradições.

Young people as social agents in the reinvention of the gaúcho traditionalist movement: a case study at CTG Província Gaúcha

Abstract: The Centers of Gaúcho Traditions (CTG) are spaces of symbolic representation and manifestation of the Gaúcho culture, where multiple generations gather and act as agents of cultural transmission of Rio Grande do Sul. This paper aims to analyze the contribution of youth to the reinvention of Gaúcho tradition in a context of modernity, in which globalization and the multiple identities of individuals weaken the ideals of local community and tradition. The study was based on specialized literature and qualitative research, including semi-structured interviews with young participants of CTG Província Gaúcha, located in the municipality of Toledo, Paraná. The objective was to gather data on the perceptions of these young individuals regarding their trajectories, as well as their main contributions and challenges, given the traditional nature of the practices. The presence of youth, often considered essential for the continuity of the movement, emerges as a necessary agent of change and adaptation to the current context. Among their main contributions, technological presence and the inclusion of topics such as female presence, youth, and sexual and gender diversities stand out in the discussions and decision-making processes regarding the paths of Gaúcho traditionalism. Thus, young individuals directly contribute to the reinvention of traditions, bringing important issues to the debate, breaking paradigms, and opening new possibilities for the perpetuation of the relevance of the traditionalist

movement. This movement serves as a significant space for socialization, learning, development, and belonging for its members. The results of this article can provide important contributions to understanding the dynamics present in CTGs and promote the appreciation and preservation of the cultural heritage of Rio Grande do Sul.

Keywords: Youth; Centers of Gaúcho Traditions; Modernity; (Re)invention of traditions.

Introdução

Este artigo considera relevante compreender como as tradições são reinventadas a fim de terem continuidade no contexto da globalização, e em específico, como se dá o processo da construção e reconstrução da identidade do gaúcho neste contexto. O foco principal é a participação da juventude como agente social na reinvenção das tradições gaúchas. Este recorte foi definido devido a capacidade dos jovens tradicionalistas de realizar ações e promover transformações diante da estrutura social do CTG.

Além disso, busca compreender as trajetórias e motivações da participação desses jovens em um movimento cuja referência social está no passado. Nesse sentido, procura-se apresentar as concepções desses agentes sobre os desafios e contribuições dessa geração para a manutenção das práticas tradicionalistas. Isto porque esta tradição se apresenta como antagonista à modernidade, na qual a fugacidade e liquidez das relações substituí o senso de comunidades que existia anteriormente. Com isso, a geração jovem e urbana, por estar atrelada a outros referenciais sociais e ao domínio tecnológico e às pautas identitárias, à primeira vista, pode apresentar uma contradição explícita aos valores pregados pelo movimento tradicionalista gaúcho. Trata-se de uma forma de enfocar as relações entre tradição e modernidade, através de um caso específico de pesquisa.

Ao partir deste estudo de caso, os objetivos específicos neste artigo são: a) explicitar os fatores motivacionais da participação dos jovens no Movimento Tradicionalista Gaúcho; b) compreender as expectativas e interesses destes jovens em relação à prática tradicionalista; c) apresentar dados qualitativos oriundos de entrevistas semiestruturadas com

participantes do CTG Província Gaúcha, visando explorar empiricamente os sentidos da atuação dos jovens na renovação da tradição, destacando suas contribuições e desafios neste processo.

1. **Origens do Movimento Tradicionalista Gaúcho**

O Movimento Tradicionalista Gaúcho se define como um movimento cultural, artístico e campeiro, que tem como objetivo o resgate da memória, e a preservação e a transmissão de valores referentes a uma cultura campeira oriunda do interior do Rio Grande do Sul. Os adeptos ao movimento se identificam como gaúchos, e essa identificação não se limita a um espaço geográfico de nascimento, mas a um sentimento de pertencimento à cultura gaúcha. De acordo com Maciel (1994, p. 500) é necessário compreender o gauchismo como uma variedade de manifestações culturais que têm o gaúcho como ponto de referência, e que por meio dessas representações, manifestam um sentimento de pertencimento.

Em termos históricos, a origem do movimento remonta ao Departamento de Tradições Gaúchas do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, que foi fundado em 1947 por oito jovens, liderados por Paixão Cortes, em Porto Alegre. Nesse mesmo ano, ocorreu a primeira Ronda Gaúcha, em setembro, com um cortejo fúnebre de David Canabarro, líder da Revolução Farroupilha. Na ocasião, houve concursos culturais e iniciou-se a prática do rito de acender um candeeiro com uma centelha de fogo, originando a tradição da Semana Farroupilha. Esta celebração representa o principal evento do tradicionalismo gaúcho, oficializada pela Lei Estadual 4.850/64 (RIO GRANDE DO SUL – ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, 1964). Com efeito, de acordo com Arenhart, “o tradicionalismo gaúcho utiliza-se ou apropria-se muito bem das simbologias, especialmente de tudo o que é atrelado à Revolução Farroupilha (1835-1845), para consecução de seus objetivos.” (2014, p. 37).

Esses jovens motivados pela representação e preservação da identidade da vida campeira da qual se originaram, agiram de forma reativa diante de dois impulsos principais: o projeto de unificação nacional em torno de uma identidade brasileira homogênea e uma cultura oficial,

demanda política de Getúlio Vargas para a consolidação do Estado Novo (1937-1945), e a difusão globalizada da cultura norte-americana.

Nesse contexto, elementos de representações regionais como bandeiras dos estados e hinos foram proibidos por decreto nacional. Essa proposta ameaçava as culturas regionais, gerando reações pela preservação de seus símbolos e aspectos culturais. A edição 217 do jornal *Caderno do Piaí 21*, documento do MTG, reconhece como um dos fatores decisivos como o início do processo de industrialização no Brasil, as decisões nacionalistas do ‘Estado Novo’ que determinaram a queima das bandeiras estaduais e a proibição da execução dos hinos dos estados (MOURA, 2019).

Além disso, outro motivador foi a influência e a difusão da cultura norte-americana após a Segunda Guerra Mundial. O estilo de vida e hábitos culturais americanos que incentivavam valores como individualismo, consumo, tecnologias e o uso da língua inglesa. Esses valores conflitavam com a tradição gaúcha, que valoriza a coletividade, a simplicidade do campo e as tradições rurais, incentivando assim a resistência cultural da região. Com o intuito de rejeitar essa influência e preservar as tradições, foi criado o “35 CTG”, o primeiro Centro de Tradições Gaúchas da história, em 1948, na cidade de Porto Alegre. Posteriormente, o movimento cresce rumo a sua efetiva institucionalização em 1966. A definição de CTG é feita por Garcia (2013):

São associações ou clubes locais, quase sempre urbanos, criados por iniciativa de seus associados para execução das atividades do Movimento. Atualmente no estado estão em funcionamento aproximadamente 1700 entidades Tradicionalistas. Os CTGs congregam especialmente famílias, a por isso caracterizam-se pelo forte cunho familiar de suas atividades. Suas manifestações são predominantemente de caráter lúdico, podendo ser artística, campeira ou cultural, conforme a subdivisão interna do centro de tradição (GARCIA, 2013, p. 23).

Inspirados pela necessidade de contar a história e orientar práticas tradicionalistas, os fundadores do movimento realizaram importante pesquisa sobre os costumes do gaúcho e transformaram-na em manuais ainda seguidos, a exemplo do *Manual de danças gaúchas* (1956). O foco das

pesquisas de Cortes foi a dança, e seu intuito era que tais práticas pudessem ser reproduzidas, em sua forma original, pelos dançarinos.

Essas obras solidificaram uma narrativa propriamente gaúcha, e orientam práticas. Pode-se dizer que o mito do gaúcho é sistematizado com ares científicos, o que lhe denotou legitimidade. No Movimento Tradicionalista Gaúcho, a busca pela representação de peão e prenda é influenciada pelo gaúcho literário, pela Revolução Farroupilha e pelos valores de coletividade, ruralidade e família.

Os documentos que regem o movimento podem ser acessados através do site oficial do MTG, onde se encontra uma série de arquivos que buscam legitimar os códigos do tradicionalismo. A “Carta de Princípios” (1961) é um documento que orienta oficialmente as ações dos centros de tradições gaúchas, objetivando uma unificação que combata os agentes externos que ameaçam a preservação da cultura, a partir da difusão dos valores morais e princípios comuns.

A organização estadual no Rio Grande do Sul é dividida em 30 Regiões Tradicionalistas e é responsável pela realização de uma agenda de eventos, congressos, cursos, rodeios e seminários, todos com o intuito de disseminar a cultura gaúcha e promover a integração entre as entidades e participantes. Existe também a promoção e divulgação de um conjunto de símbolos oficiais do movimento: o Brasão de Armas do MTG; o Hino Tradicionalista; a Bandeira; o cavalo; o chimarrão; e o tronco com o broto de sete folhas representando “o tradicionalismo como organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica” (MTG, sem data).

2. Movimento Tradicionalista Gaúcho no Paraná

O MTG no Paraná segue os mesmos objetivos gerais do movimento. Porém a simbologia engloba elementos típicos do Paraná, o que representa a assimilação cultural possibilitada pela dinâmica da identidade gaúcha. O símbolo oficial do MTG-PR é uma cuia, contendo, em uma posição central, a Araucária Angustifólia, símbolo paranaense, além de outros elementos típicos da cultura gaúcha: o laço e a gaita.

Figura 1- Símbolo MTG no Paraná



Fonte: Site do MTG- PR

Simon (2009) mostra que a região oeste do Paraná foi em grande parte povoada por imigrantes gaúchos a partir de um projeto de ocupação de Getúlio Vargas chamado de “Marcha para o Oeste”, cujo objetivo era promover a colonização e desenvolver a agricultura internamente, evitando a ocupação estrangeira, visto que nesse período havia um forte movimento nacionalista. Dados do Jornal da Unicamp (2006), a partir de uma pesquisa feita por geógrafos em 1958, apontam que o fluxo de gaúchos foi motivador para o crescimento exponencial de habitantes no extremo Oeste do Paraná, que saltou de 7.645 habitantes (1940) para 135.697 (1960). Esses migrantes trouxeram consigo as tradições gaúchas e consolidaram as práticas a partir da fundação dos CTGs:

A mais clara demonstração de que o amor pelo Rio Grande do Sul continua inabalável é, sem sombra de dúvida, a existência de milhares de CTGs, os Centros de Tradição Gaúcha. São os CTGs, com seu caráter gregário, com sua altivez, com seu espírito generoso e solidário, que favorecem a coesão dos migrantes sul-riograndenses em todos os rincões deste mundo. Em torno de qualquer agrupamento de gaúchos desbravadores, logo surge um CTG. E o novo galpão erguido às pressas, as vezes bastante precário, logo se transforma no centro das decisões mais importantes para o futuro daquela comunidade (SIMON, 2009, p. 52).

Existem várias perspectivas sociológicas para analisar os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Uma delas, inspirada em Pierre Bourdieu (1974), os considera como espaços de socialização e acumulação de capital cultural, onde o capital simbólico é muito valorizado. Dentro dos CTGs, ocorre uma organização por meio de gestões, e a cada dois anos é eleita uma patronagem que simbolicamente representa o poder de decisão nesses espaços, e possibilita a ocupação de posições de prestígio, como patrão, capataz, sota capatazes, guaiacas e capatazes de invernadas e departamentos.

Mas os CTGs podem igualmente ser entendidos como um espaço cultural, com uma infraestrutura marcada por forte caráter simbólico, condensado na representação da prenda ou do peão. Nesse espaço, os participantes reproduzem e aprendem a conviver socialmente inseridos em uma estrutura com normas, valores sociais e costumes específicos de uma tradição, seguindo um certo padrão institucionalizado e aderindo às práticas simbólicas. Exemplar neste sentido é o Sarau da Prenda Jovem, evento festivo da Tradição Gaúcha que simboliza o rito de passagem da infância para a juventude das prendas. Esse aspecto foi descrito por Ceres Brum: “essa constante referência ao passado, em busca da afirmação das identidades pelos tradicionalistas como grupo, remete aos Centros de Tradições Gaúchas como espaços ritualizados” (BRUM, 2013, p. 652).

O CTG Vila Velha, localizado em Ponta Grossa, foi o primeiro CTG do estado do Paraná. Fundado em 1958, foi precursor de um número de Centros que aumentou exponencialmente desde então: atualmente existem 280 CTGs filiados ao MTG no Paraná, segundo dados de 2019 da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, divididos em 17 regiões tradicionalistas organizadas por localidades geográficas, as quais dispõem de um Coordenador Regional.

3. O CTG Província Gaúcha de Toledo

No município de Toledo, existem três Centros de Tradições Gaúchas: Província Gaúcha, Chama Crioula e Estância da Liberdade. As atividades tradicionalistas ganham força a cada ano, sendo incluídas na agenda cultural da Secretária da Cultura. Em 2022, com o retorno dos eventos pós-pandemia, realizou-se, no mês de maio, o 14º Festival Toledense de Arte e Tradição Gaúcha (FESTOART), um evento anual,

com apresentações de danças tradicionais gaúchas, dança de salão, chula, declamação de poesia, causo e música campeira.

Na Semana Farroupilha, em setembro, aconteceu a 13ª edição do evento municipal alusivo à data, juntamente com o 1º Festival Farroupilha de Toledo/ Interpretação e Composição. Houve a realização de uma extensa programação no Lago Municipal, com a instalação de um galpão crioulo, integrando as entidades tradicionalistas do município. Ocorreram atividades como: baile da terceira idade, shows com artistas tradicionalistas, concurso de interpretação e composição em diversas categorias, mostra dos CTGs, churrasco comunitário, concurso MasterChef Bagual, concurso de xote, tertúlia livre e outras programações para as diversas faixas etárias.

O CTG Província Gaúcha, como sua sede no Yara Country Clube, foi fundado por jovens entre 20 e 30 anos em 2020, durante a pandemia. Um levantamento realizado com a diretoria do CTG apontou um perfil socioeconômico recorrente dos frequentadores que, salvo especificidades, possuem, em sua maioria, entre 13 e 30 anos, são do gênero feminino, de etnia branca, de classe média alta, e de religião católica.

A presença jovem do caso estudado se mostra muito atuante nas redes sociais para a divulgação das atividades. Um dos principais elementos observados é a utilização de uma marcação de identidade bastante presente entre os participantes: o de ser “provinciano”. Tal característica é enfatizada pelas *hashtags* “#souprovinciano” ou “#souprovinciagaúcha”, e pelo grito de guerra “quem somos?” “provincianos!”. Aldeman, explica esse fenômeno em que “uma *hashtag* pode trazer uma sensação, um sentimento, mas também explicar a postagem, engrossando a camada de sentidos e de comunicação” (2015, p.159).

Um exemplo dessa utilização das *hashtags* como forma de identificação, foi observada na pesquisa de campo realizada durante as comemorações da Semana Farroupilha de 2022, em que uma faixa com o a frase #SouProvínciaGaúcha foi posicionada juntamente com outros elementos simbólicos do CTG, como a Bandeira do Rio Grande do Sul, e as bandeiras do CTG Província Gaúcha e da sua sede, Yara Country Clube.

Figuras 2 e 3 - Estande do CTG Província Gaúcha na Semana Farroupilha de Toledo



Fonte: Fotos registradas pela autora em 25 de setembro de 2022.

4. Juventude: Entre a Tradição e Modernidade

É de interesse das Ciências Sociais compreender como as tradições se constroem e reconstroem de acordo com o contexto social, quem são os seus agentes, suas motivações e contribuições. Isto porque neste processo ocorre um duplo movimento de influenciar e ser influenciado, em um processo constante de construções sociais, relações de poder e busca humana de pertencimento e significação. Por isso, um dos objetivos neste artigo é entender quem são os jovens vinculados aos CTGs e o que explica a sua participação em um movimento moderno cuja referência social está no passado.

No entanto, focar os jovens não significa simplesmente escolher uma faixa etária específica, mas problematizar a questão geracional nos CTGs. Neste sentido, Karl Mannheim sustenta um argumento crítico às formas positivistas de caracterização meramente biológicas das gerações. Nessa perspectiva, o vínculo geracional está muito mais relacionado com a similaridade entre experiências vividas do que com uma cronologia pré-estabelecida. A especificidade da entelégua geracional, ou seja, a coesão social que gera esse vínculo, não está diretamente associada à formação de grupos concretos, mas sim à situação de classe, a partir da similaridade das condições socioeconômicas e de vivências semelhantes.

O autor constata, então, que os jovens produzem “uma forma específica de viver e de pensar, uma forma específica de intervenção no processo histórico” (MANNHEIM, 1982, p. 528). No contexto da reinvenção do Movimento Tradicionalista Gaúcho, é relevante considerar a questão da troca de bens culturais acumulados pelos atores na vida social. Uma vez que, as gerações passadas, são os antigos portadores de cultura que, através da experiência e das vivências, consolidam padrões de valores tradicionais que se perpetuam nas práticas, em torno da sentimentalidade e da memória.

Apesar do grande valor atribuído a esses agentes, faz-se necessário o reconhecimento das possibilidades que os jovens, como novos portadores de cultura, agregam nas sociedades, com a seleção e incorporação de elementos a se perpetuarem, visto como um importante poder de agência na renovação necessária para a vitalidade das práticas sociais. Mas esse processo implica embates no campo social e da transmissão cultural, pois os “professores” se situam em uma posição de diferentes visões de mundo, promovendo uma mútua aprendizagem, que Mannheim apresenta como a interação constante das gerações.

Pierre Bourdieu (1974) é outro autor que apresenta conceitos importantes para a compreensão do jovem como agente social. Os agentes possuem *habitus* que podem ser moldados pelo seu contexto histórico e social, assim como diz respeito às disposições incorporadas que orientam a ação mediante as estruturas sociais em que se insere, promovendo, ao mesmo tempo, uma mudança social. Os agentes e seus respectivos *habitus* estão situados dentro de um campo, e é nesses espaços sociais que ocorrem as disputas de poder a partir da valorização de determinados capitais, que podem ser culturais, sociais, simbólicos e econômicos. Nesse sentido, os capitais servem como aparatos para engajar os jovens na reinvenção da Tradição Gaúcha, possibilitando a manutenção das posições sociais, que legitimam as ações e conferem a possibilidade de ascensão e transmissão de valores relevantes para a afirmação das identidades desses agentes.

No campo do Tradicionalismo Gaúcho, os interesses simbólicos e o *habitus* se dispõem através desses capitais. O capital cultural envolve a transmissão de conhecimentos e valores por meio do ensino e aprendizado das tradições e da socialização familiar; o capital social se refere a rede de contatos que se faz essencial para que exista a conexão geracional desses agentes; já o capital econômico, como a participação nos cargos de patronagem, pode conferir legitimidade e visibilidade a esses jovens, abrindo

possibilidades como agentes de mudança e inovação dentro da tradição a partir de sua posição social.

As classes dominantes detêm o poder simbólico de legitimação das práticas sociais mais valorizadas dentro de cada campo, e essa hierarquia desemboca em um processo de distinção. A disposição para agir de determinada maneira e buscar certos tipos de reconhecimento está diretamente relacionada com a herança familiar e o acúmulo de capital cultural, visando a posição social de prestígio dentro de uma teia de relações sociais específicas.

Assim, percebe-se em torno desses processos, a manutenção do status social já adquirido pela família, pois ao se referir a um contexto de classes dominantes, essa dinâmica se faz como uma ferramenta necessária para que ocorra a transmissão e perpetuação de valores. Isso garante uma segurança ontológica, ou seja, a sensação de segurança e estabilidade que os sujeitos experimentam através da valorização dessas práticas e identificação com a cultura gaúcha, agregando para a sensação de pertencimento e coesão social em torno dos valores tradicionalistas.

Importantes também para a compreensão da juventude, como geração, são as mudanças estruturais de seu tempo histórico, e que influenciam a maneira como os sujeitos afirmam a sua identidade, buscando também a legitimação que permite agir ativamente nesses espaços. Na pós-modernidade, o jovem se depara com diversas possibilidades de identificação, pois não representa mais um aspecto permanente, sólido e único, as identidades apresentam caráter multifacetado.

Em sua obra *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Stuart Hall (2006) afirma que os sujeitos pós-modernos podem ter múltiplas identidades, mesmo contraditórias, as quais os levam a diversas direções. Isso ocorre principalmente devido à rápida constante mudança que caracteriza a sociedade atual. Nesse contexto, a tradição representa uma maneira de lidar com o tempo e espaço, perpetuando a experiência de gerações através de símbolos. Anthony Giddens, por sua vez, aborda a reflexividade das práticas sociais que “são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 39). No panorama tradicionalista, é papel dos jovens como novos portadores de cultura, agirem de maneira reflexiva sobre quais práticas devem ou não se perpetuar.

Hall compreende as identidades como algo não natural do sujeito, mas como uma construção social que se manifesta a partir da representação em uma cultura simbólica unificada. Assim, uma comunidade imaginada pode ser explicada a partir de três conceitos principais “as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto e a perpetuação da herança” (HALL, 2006, p. 34), as quais favorecem a sensação de pertencimento. A globalização aparece como uma ameaça às identidades locais, em que a homogeneização cultural e o “pós-moderno global” podem desintegrar as formas de identificação. Por outro lado, a resistência a esse movimento acaba por reforçar as identidades locais, ponto bastante importante para as análises a serem realizadas nesta pesquisa.

Segundo Hall, “o fortalecimento das identidades pode ser visto na forte reação defensiva daqueles mesmos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas” (HALL, 2006, p. 50). Esse movimento contraditório ocorre à medida em que algumas identidades se fixam na ideia de tradição, de retorno a um estado de pureza e retorno a uma suposta unificação, em um contexto em que as identidades são mais plurais e diversas. É nesse sentido que Hall apresenta o conceito de “tradução”, que consiste na busca da conexão com seu local de origem e suas tradições, há uma ilusão de retorno ao passado, embora isso implique na renegociação e assimilação de novas características culturais e históricas para que a identidade permaneça.

No caso do Centros de Tradições Gaúchas, a forma de lidar com essas dinâmicas presentes no contexto pós-moderno, podem ser mediadas e transformadas em prol dos interesses do grupo. Os jovens participantes do CTG Província Gaúcha se mostraram amplamente engajados com as tecnologias, pois utilizam das redes sociais e *hashtags* no fomento do processo de hibridização em prol da afirmação de suas identidades também no contexto digital. Esse engajamento ativo reflete na capacidade de os jovens adaptarem as tradições gaúchas, possibilitando também que mais pessoas conheçam e escolham pertencer a identidade tradicionalista.

As práticas tradicionalistas produzem um forte senso de coesão e de realização coletiva, que envolve rituais e códigos próprios. A partir disso, os participantes tendem a se sentirem conectados com uma causa comum e obtém a sensação de pertencimento. A preservação dessas práticas e costumes é uma questão muito pertinente nos estudos sobre modernidade, pois a flexibilidade das mesmas e possibilidade de reinvenção das tradições é essencial para a sobrevivência desses elementos culturais e sociais.

Em síntese, a reinvenção das tradições, teorizada por Hobbesbawn (2014), é um fenômeno que ocorre de maneira singular em diferentes contextos sociais, adaptando-se as demandas específicas de um grupo social, incluindo as novas gerações.

O próprio aparecimento de movimentos que defendem a restauração das tradições, sejam eles tradicionalistas ou não, já indica essa ruptura. Tais movimentos, comuns entre os intelectuais desde a época romântica, nunca poderão desenvolver ou, nem preservar um passado vivo; estão destinados a se transformarem em 'tradições inventadas'. (HOBBSBAWN, 2014, p. 15).

Por essa razão, a participação ativa dos jovens nesse processo é essencial para a continuidade e preservação dessas tradições, uma vez que trazem consigo novas pautas e perspectivas capazes de se alinhar às vivências atuais. Dessa forma, ao promover um diálogo entre as gerações, é possível construir e selecionar elementos culturais que permitem a resistência dessa herança cultural para que se mantenha relevante e significativo para a sociedade.

5. Apontamentos Metodológicos

Os dados analisados neste artigo resultaram de uma pesquisa exploratória que buscou compreender a relação entre a juventude e a sua participação no movimento tradicionalista gaúcho. Para isso, foi realizado um estudo de caso com os participantes do Centro de Tradições Gaúchas Província Gaúcha, localizado no município de Toledo, no Paraná.

A população-alvo do estudo foram jovens entre 18 e 30 anos, participantes do movimento tradicionalista gaúcho da entidade selecionada. A amostra foi selecionada pelo método de bola de neve, no qual os participantes foram indicados pelos próprios jovens do Centro. Além disso, foi entrevistado um participante do estado do Rio Grande do Sul, considerado autoridade no assunto, pois ocupa cargo de Diretor Jovem do

Movimento Tradicionalista Gaúcho. Ao todo, foram entrevistados 5 jovens, sendo duas mulheres e três homens.

Tabela 1 – Pseudônimos e identificação dos entrevistados

Pseudônimo	Gênero	Idade
Participante 1	Feminino	23 anos
Participante 2	Feminino	18 anos
Participante 3	Masculino	22 anos
Participante 4	Masculino	29 anos
Participante 5	Masculino	24 anos

Fonte: elaborada pela autora com base nas informações sobre os participantes

A pesquisa amparou-se em uma revisão bibliográfica de obras clássicas das Ciências Sociais e Humanas, assim como de artigos e teses mais recentes sobre a temática do tradicionalismo gaúcho. Para a coleta de dados empíricos, houve ainda a realização da observação de campo durante a Semana Farroupilha, a pesquisa documental através de uma investigação dos conteúdos disponíveis nos sites oficiais e redes sociais do Movimento Tradicionalista Gaúcho e, para consolidação desses dados houve a realização de entrevistas semiestruturadas com os participantes do CTG Província Gaúcha e um representante do MTG do Rio Grande do Sul.

Os jovens foram convidados a participar da entrevista por meio virtual, a partir da ciência do estudo realizado. As entrevistas ocorreram de maneira remota e, foram registradas e transcritas posteriormente para a análise. As perguntas abordaram temas como a trajetória dos jovens dentro do movimento, motivações para a participação, qual o papel de agência desses jovens na reinvenção da tradição gaúcha, e os principais desafios e contribuições nesse contexto. Todos os participantes foram informados sobre objetivo da pesquisa e deram seu consentimento livre e esclarecido para participar. Os dados foram tratados de maneira confidencial e anônima, sendo utilizados apenas para fins acadêmicos.

6. A Juventude na Reinvenção das Tradições

6.1. Motivações da Participação dos Jovens nos CTGs

A primeira informação tratada foi o tempo de participação no meio tradicionalista. A análise das colocações dos interlocutores torna evidente o fato de que todos têm uma longa história de participação no movimento, de pelo menos uma década:

Tabela 2 – Tempo de participação no Tradicionalismo

Participante 1	“faz 16 anos que eu estou nesse meio”
Participante 2	“faz 10 anos que eu estou no meio da tradição gaúcha”
Participante 3	“esse ano completam 16 anos que eu estou participando aí do movimento”
Participante 4	“eu venho de berço tradicionalista, meus pais ambos são tradicionalistas”
Participante 5	“eu entrei em 2011”

Fonte: desenvolvida pela autora com base nas entrevistas realizadas para esta pesquisa.

Isso indica que muitos iniciam sua trajetória ainda na infância, por influência familiar, mas decidem permanecer devido às amplas oportunidades de atividades oferecidas pelo CTG para todas as idades. Um dos objetivos centrais do movimento é difundir valores tradicionais, que são transmitidos por meio convívio familiar e da afetividade. Essa hipótese foi constada por meio das falas dos entrevistados.

Por exemplo, um dos entrevistados afirmou: “Eu entrei porque meus primos começaram a fazer... a minha mãe e minha madrinha fazem parte da patronagem e elas são bem envolvidas, sempre foram bem envolvidas desde o início da minha participação no CTG” (depoimento da “Participante 1” concedido para esta pesquisa em 23 de março de 2023).

Outros tantos entrevistados também demonstraram a influência familiar:

Meus avós e bisavós vieram no Rio Grande do Sul também, então eles tinham um pouquinho da tradição, não da dança, mas da tradição em si do gaúcho, foi quando um amigo do meu pai comentou sobre o CTG e meu pai quis me levar para conhecer (depoimento da “Participante 2” concedido para esta pesquisa em 14 de dezembro de 2022).

Comecei bem pequeno, eu comecei na verdade porque uma amiga da minha prima começou a frequentar o CTG, ela e os irmãos dela, e aí ela chamou minha prima que acabou chamando-me e outros primos para ir lá conhecer (depoimento do “Participante 3”, concedido para esta pesquisa em 5 de abril de 2023).

A minha família tem grande envolvimento com as causas do movimento tradicionalista gaúcho e são fundadores de muitas entidades (depoimento concedido pelo “Participante 4” para esta pesquisa em 8 de março de 2023).

Eu e minha irmã começamos a participar a convite de uns amigos nossos do CTG (depoimento do “Participante 5” concedido para esta pesquisa em 5 de abril de 2023).

A família pode ser entendida como uma instituição que promove a socialização primária do indivíduo a partir de um conjunto de hábitos e valores cultivados pelo grupo social em qual pertence. Os laços familiares representam a solidez dos valores morais em um contexto da modernidade.

Para compreender o significado das ações individuais a partir do contexto social, o sociólogo Max Weber, desenvolveu a Teoria da Ação Social, proporcionando a partir desta uma maior compreensão das motivações inerentes interações humanas. No contexto do tradicionalismo gaúcho, a ação pode se amparar em dois tipos ideais de ação weberiana: ação tradicional e ação relativa à valores. Além de promover uma maior coesão entre o grupo, esses valores contribuem para a legitimação de um poder tradicional que os perpetua, simbolicamente exercido pelos cargos da patronagem.

O poder de agência, pela perspectiva de Bourdieu (1974), contrapõe a ideia weberiana de que a ação é racional, mas sim que é razoável, pois estas disposições, ou *habitus*, já estão incorporadas de acordo com o campo em que se insere, e objetivam um interesse simbólico. O autor ainda afirma

que há uma tendência para que os valores da elite sejam legitimados por um poder simbólico e sejam propagados por esses agentes, garantindo assim, que os indivíduos deem continuidade a essa cultura.

Nesse sentido, um dos interlocutores afirmou: “O tradicionalismo gaúcho é uma tradição muito forte que a gente vem cultivando e que tem seus valores, que hoje em dia é difícil o jovem encontrar em outras atividades né” (depoimento do “Participante 5” concedido para esta pesquisa em 5 de abril de 2023).

Além disso, a dança é uma das principais motivações para a permanência dos jovens no CTG, pois ela apresenta um caráter multifuncional no tradicionalismo, propiciando a movimentação corporal, expressão, identificação e a assimilação de capital cultural, este é propagado e legitimado a partir da incorporação cultural ao narrar uma memória comum através da arte. Segundo Medina et al (2008, p. 100), pode-se entender a dança como “uma forma de movimento elaborado, que fornece elementos ou representações da cultura dos povos, sendo considerada uma manifestação dos hábitos e costumes de uma determinada sociedade”.

Uma das participantes comentou: “Eu sempre dancei o que me colocou no CTG e me faz continuar foi a dança” (depoimento da “Participante 1” concedido para esta pesquisa em 23 de março de 2023).

Ademais, os papéis de gênero são claramente definidos na representação coletiva realizada pelo CTG, com indumentárias e atribuições diferentes para homens e mulheres e, nesse contexto, a feminilidade idealizada da prenda pode servir como um atrativo simbólico, principalmente para as meninas. No CTG Província Gaúcha, assim como em outras entidades, ocorre o Sarau da Prenda Jovem, um rito de passagem semelhante ao baile de debutantes, no qual as moças entre 14 e 16 anos são apresentadas à sociedade. Essa celebração contribui para a identificação das meninas com o movimento, visto que uma série de homenagens e ritos têm por objetivo valorizar a figura da prenda.

Esse conjunto simbólico de ritos e indumentária evidencia o caráter lúdico dessas representações artísticas, assim como o espaço de socialização entre os pares, que aparecem como aspecto pertinente entre os entrevistados 2 e 3 ao explicarem as motivações que os interessaram no CTG ainda na infância:

Eu cheguei lá e eu me deparei com todos os integrantes trajados... prendas de vestido, sapatilhas, meia-calça, cabelo arrumado, e peões com bota, bombacha, guaiaca, camisa, colete, lenço, chapéu, e nisso eu fiquei encantada, porque criança quando se depara com uma coisa diferente se encanta, e pelo fato de as meninas estarem vestidas com vestidos longos, com cabelo arrumado, pra mim simbolizava princesa (depoimento da “Participante 2” concedido para esta pesquisa em 14 de dezembro de 2022).

Eu lembro que eu nem fui tanto pela dança, era mais pela convivência, brincar com outras crianças, conviver com outras crianças, e depois, conforme você vai dançando e tal, e vai tendo contato com as possibilidades que o CTG e o tradicionalismo te dão, você começa a entender o real motivo de estar ali e gostar tanto daquilo ali (depoimento do “Participante 3” concedido para esta pesquisa em 5 de abril de 2023).

Dessa maneira, podemos compreender que os fatores que despertam o interesse de crianças e jovens para o ingresso e permanência no tradicionalismo são subjetivamente variáveis, mas todos contribuem para uma compreensão mais ampla das possibilidades oferecidas, destacando-se a influência familiar, ludicidade, socialização e o compartilhamento de valores, inseridos no sentido de pertencer a uma comunidade.

6.2 Concepções Sobre a Juventude Tradicionalista

A partir das respostas selecionadas no tópico 2, que tratam das concepções dos interlocutores entrevistados sobre o papel de agência da juventude no contexto do Movimento Tradicionalista Gaúcho, é possível observar um contraste entre gerações, como definido por Mannheim (1982) o conflito geracional. A divergência entre gerações, resultante das transformações sociais vivenciadas por cada uma delas, faz com que certos estereótipos sejam atribuídos ao tradicionalismo, estes são, por vezes, reproduzidos e podem envolver preconceitos em relação aos jovens, associando-os diretamente com uma suposta falta de interesse em aderir a cultura tradicional.

Como expressa a fala da interlocutora:

A gente comenta até hoje que é muito difícil o jovem entrar no CTG, porque está no auge da juventude, quer sair, quer festejar... Quando eu completei 14 anos eu subi pro juvenil, que é a categoria dos jovens, de 14 a 18 anos, é uma categoria um pouquinho mais difícil do pessoal entrar, pois é uma idade da juventude, e a juventude não gosta normalmente de seguir a cultura, pois não conhece (depoimento da “Participante 2” concedido para esta pesquisa em 14 de dezembro de 2022).

De maneira geral, os discursos reforçam que a continuidade da comunidade se dá pela renovação da tradição, ou seja, pela entrada e saída de novos atores sociais, que provocam mudanças, desde que não se perca a essência da tradição. Essa manutenção da “essência gaúcha” posiciona os jovens como mediadores entre a sua geração e as anteriores, promovendo um equilíbrio entre a preservação da identidade cultural e a renovação. Situados em um contexto pós-moderno, carregam o papel social de inserir as questões atuais da sociedade nos debates do “movimento”.

Um dos meios nos quais isso se manifesta é a facilidade do jovem com manejo da tecnologia, devido ao contexto digitalizado que vivenciaram ao longo de suas trajetórias, e devido situação de classe, pois retornando à Mannheim (1982), é a partir da similaridade das condições socioeconômicas e das vivências, que os jovens produzem uma forma específica de intervenção no processo histórico.

Essa parte de rede social pegando jovem, a praçada da juvenil, da adulta pra montar, pra mexer mesmo com essa parte da tecnologia. E o reinventar é isso né, é fazer esse movimento acontecer, porque se a gente só fica na tradição, na tradição, na tradição e esquece que o mundo tá andando, a gente perde muita gente, porque o povo gosta do movimento e é assim que tem que ser (depoimento do concedido para esta pesquisa em 5 de abril de 2023).

Outra questão apontada pelos interlocutores em que o jovem assume o papel mediador, é a responsabilidade de trazer as questões que estão em pauta na sociedade, por exemplo, destacam-se o machismo e a homofobia como questões a serem superadas dentro e fora do Movimento. Percebe-se um contraste evidente entre as práticas “tradicionais”, que muitas vezes são consideradas imutáveis, e a conscientização da necessidade

de mudanças, mesmo que ocorram de forma gradual. Como apontam as seguintes falas:

Tem coisas que são tradicionais, que realmente não vão mudar, mas as coisas que envolvem a sociedade, que envolvem as pessoas, elas precisam de atenção nisso, e eu acho que os jovens tem papel fundamental nisso porque como as pessoas que estão há mais tempo na tradição as vezes não estão tão atentas a isso... então eu acho que o papel de quem está ali de quem é mais novo é tentar fazer isso, tentar mediar as situações para que aos poucos as coisas mudem, a gente tem que ter a consciência de que não vai ser do dia pra noite que os preconceitos, machismo, vão acabar, não é do dia pra noite, mas que a gente ali todos os dias batendo nessa tecla aos poucos as coisas mudam. (depoimento da “Participante 1” concedido para esta pesquisa em 23 de março de 2023).

Movimento é transformação, é andar pra frente, e isso claro dentro da tradição gaúcha, a gente preserva a tradição gaúcha mas a gente não pode esquecer que o mundo andou, que o mundo evoluiu. Mas dentro do meu CTG que eu posso falar, mas eu vejo que na maioria, o jovem é muito valorizado, e mulheres também, a nossa patronagem ela tem uma presença feminina muito grande, e hoje em dia eu já vejo essa mudança na maioria dos CTGs... um CTG constituído por pessoas muito diferentes, com pensamentos diferentes, com vidas diferentes e a gente sempre tem a opinião ali de todos os lados e uma parte muito boa é que todo mundo consegue se ouvir, todo mundo pode dar opinião, eu vejo por exemplo que em outros CTGs isso não acontece, normalmente a patronagem é formada por homens com mais de 50 anos que estão lá desde sempre sabe. (Depoimento do “Participante 3” concedido para esta pesquisa em 5 de abril de 2023).

Percebe-se, pela fala dos interlocutores, uma valorização de uma patronagem heterogênea. Assim, as decisões, proporcionadas pelo acúmulo de capital social desses cargos, se tornam mais democráticas, ao serem tomadas por agentes diversos, indo além do padrão normativo e sustentando novas possibilidades para a continuação da tradição. A presença feminina nos cargos de patronagem é muito significativa para ampliação do poder de agência das jovens do Movimento, como evidenciada no trabalho de Rossi:

Algumas jovens estão rompendo com o preconceito, pois estão ‘lutando’ pelo seu espaço no mundo do trabalho, no esporte, na tradição gaúcha, produzindo discursos que as representam como sujeitos capazes de pertencer e de se movimentar igualmente em espaços antes predominantemente masculinos. (ROSSI, 2006, p. 128).

É importante ressaltar que, nesse contexto, o capital social, quando relacionado à juventude, está vinculado à ideia de glamourização dos cargos, apontada como um atrativo para a participação dos jovens, uma vez que promove a busca por distinção e o prestígio dentro do movimento. Esse apelo remete diretamente a questão abordada por Bourdieu (2007), em que o sujeito, inserido em um determinado campo, tende a agir de acordo com um interesse em lucros simbólicos, buscando se diferenciar dos demais e alcançar uma posição de destaque. Isso fica evidente na fala de um interlocutor entrevistado:

Nós podemos nos utilizar das ferramentas que nós temos hoje da internet, nós podemos criar painéis e espaços de atividades, menções que façam com que o jovem reconheça seu papel atuante dentro do movimento, e muitos cargos eles transmitem uma dimensão de glamour das atividades, e eu acho que isso é muito importante. (Depoimento do “Participante 4” concedido para esta pesquisa em 8 de março de 2023).

Os interlocutores valorizam a inclusão de mulheres e jovens nos cargos da patronagem, permitindo que o capital social se estenda a atores diversos com suas próprias pautas e vivências. Mas o processo de diálogo intergeracional é visto pelos sujeitos como um desafio e, ao mesmo tempo, como algo construtivo. Assim, percebe-se que a consciência geracional dos jovens tradicionalistas é muito presente:

Isso é um desafio que muitas vezes as pessoas esquecem que precisa ter esse conhecimento e essa vivência para poder falar sobre porque o difícil é as pessoas mais velhas que estão há mais tempo e tem a cabeça mais fechada escutar você, então se você tem uma base é mais fácil as pessoas te escutarem e eu acho que isso é extremamente importante. (Depoimento da “Participante 1” concedido para esta pesquisa em 23 de março de 2023).

O jovem se mostra um agente social essencial de mudança, mesmo diante de situações perpetuadas historicamente como o machismo, a homofobia, transfobia e estigmas a respeito da juventude. Com efeito, há uma dificuldade de serem ouvidos pela linha orientadora devido a tenra gama de experiências acumuladas, mas como apresentado na fala acima, os jovens já dispõem de estratégias, pois no Movimento as experiências e conhecimentos são um pré-requisito a ser escutado. A ideia de linearidade, como uma espécie de hierarquia entre as gerações, em que a experiência aparece como fator distintivo é de fato comum dentro das entidades tradicionalistas, como mostra o interlocutor:

Existem 3 fases distintas que o movimento segue desde sempre que é a parte do: aprender, executar e orientar. Você aprende ao longo do tempo, você descobre né, aí você executa estas atividades, você participa do movimento tradicionalista, você tem cargos, você tem gestões, você tem o seu trabalho dedicado voluntariamente a causas sociais, e depois de um tempo, quando mais velho, com o acumulo de experiências, não é só a questão do botar a mão na massa, você pode auxiliar as pessoas orientando elas, é assim que funciona, os jovens, os adultos e os mais velhos...o movimento tradicionalista é mais organizado por pessoas mais velhas, porem ele é executado muito pela juventude e feito para a juventude, porque esse ciclo é bastante natural. (Depoimento do “Participante 4” concedido para esta pesquisa em 8 de março de 2023).

Esse aspecto está relacionado com a ideia de hereditariedade e descendência, em que os mais velhos ensinam e os mais jovens aprendem para atuarem em um momento futuro ou como foi apontado na fala do entrevistado, como um “ciclo bastante natural”. A autora Marialice Foracchi (1965), ao adotar uma perspectiva Mannheiana propõe que a associação entre juventude e inexperiência, possa ser transformada em uma possibilidade positiva, que situa esse agente em uma posição superior, na medida em que a capacidade inovadora, traço distintivo da geração mais jovem, seja valorizada como característica fundamental em um mundo de constante transformação. E assim cada situação nova deve ser recriada e reinventada de acordo com as demandas e os recursos existentes.

Desse modo, vale ressaltar que Mannheim (1982) caracteriza essa troca cultural mútua resultante das interações constante das gerações como

uma experiência benéfica para ambos. A conexão geracional resultante desse processo fomenta ainda mais o engajamento ativo da juventude na reinvenção para a continuidade das práticas tradicionalistas, pois estes passam a se reconhecer e ser reconhecidos como uma força social renovadora com um estilo próprio de existência e de realização do destino pessoal. (FORACCHI, 1965).

O caráter ritualístico, abordado no trabalho de Celso Garcia (2013), concebe o CTG como espaço de representação simbólica e performática, e não um mediador de conduta pessoal. Essa estratégia tem sido utilizada pelas gerações anteriores para aumentar a coesão e o senso de comunidade. Porém foi constatado uma prática reflexiva dos jovens sobre os limites dessa distinção entre individualidade a conduta coletiva no que diz respeito à inclusão das diversidades, principalmente quando se refere a marcadores sociais, como a orientação sexual e de gênero, pois ao impedir que alguém expresse sua identidade de gênero, sua participação é dificultada, mesmo tratando de uma representação. Alguns desdobramentos dessa estratégia foram exemplificados nas seguintes falas:

Hoje em dia a gente já tem muita discussão, por exemplo, de LGBT's no meio gaúcho, claro, o CTG ele é machista e tudo mais, mas não é o CTG, é a sociedade em geral, o CTG também é, hoje em dia existem discussões sobre por exemplo, sobre pessoas trans, elas estão aí, elas querem dançar também, e aí? Existem essas discussões, já estão em debate, eu fiz o curso de formação tradicionalista que é o Cfor e ali eles discutiram muito sobre isso e sobre outras coisas né, até cabelo pintado e tudo mais, isso também era uma discussão muito grande porque a gente dança representando uma época e a gente tem que descrever tudo o que a gente usa. (Depoimento do “Participante 3” concedido para esta pesquisa em 5 de abril de 2023).

O próprio movimento tradicionalista gaúcho, isso a gente fala no geral, ele entende que as relações mudaram, até mesmo citando um assunto muito polêmico que é a homossexualidade, o movimento tradicionalista gaúcho trata isso de maneira humanizada, de que forma? O que nós representamos é uma menção, o que é a nossa orientação sexual é particular, isso não é de interesse público, eu por exemplo, em figura de homem, na postura de homem, representando o homem do campo, sou homem, o meio tradicionalista reconhece por peão, se a minha orientação sexual é outra, é uma outra questão, a mulher na dimensão de mulher, representando a figura feminina ela é considerada prenda, a orientação sexual dela é uma questão particular (Depoimento do “Participante 4” concedido para esta pesquisa em 8 de março de 2023).

Garcia (2013) ainda reforça que essa dualidade entre a vida cotidiana e a representação do caráter ritual, permitem a conciliação entre Tradicionalismo e Modernidade, que “compreendendo essas lógicas, podemos explicar a capacidade que ele assumiu de constituir-se como um Movimento de cunho regional-popular com funcionamento ativo em plena era chamada pós-moderna” (2013, p. 134). Porém, na prática, nota-se que apesar do caráter ritual, certas questões identitárias inevitavelmente têm sido trazidas pelos agentes para palco das discussões, como resultado da reflexividade desses agentes e das múltiplas identidades da pós-modernidade.

A necessidade de adaptação às mudanças e tentativas de conciliação entre tradição e modernidade se relacionam diretamente com questões objetivas do contexto social em que as práticas se dão. Dessa maneira, a pandemia aparece na fala dos interlocutores como uma circunstância que possibilitou amplamente a reinvenção das práticas tradicionalistas conciliadas as ferramentas da modernidade. Como expresso nas falas a seguir:

Em 2020, pra gente não ficar parado no CTG, porque não tinha como, a gente precisava seguir os nossos trabalhos, meu professor resolveu fazer aulas online com apresentações de trabalhos sobre as danças que a gente dançava porque normalmente a gente só sabia na pratica mas na teoria a gente nunca pegou e estudou... foi um crescimento muito grande pra gente, pois a gente começou e cresceu na pandemia, o único CTG na história que cresceu durante uma pandemia foi o nosso e isso é muito importante pra nós. (Depoimento do “Participante 3” concedido para esta pesquisa em 5 de abril de 2023)

Essa pandemia não foi boa, mas ela nos deu um olhar diferente sobre algumas questões de ferramentas, por muitos anos e até mesmo antes da pandemia nós não nos utilizávamos tanto das redes sociais, nós tínhamos a questão de não encurtar distancias através das redes sociais, nós tínhamos muito contato direto, isso é bom, nada vai substituir o contato direto, porém algumas relações elas podem ser encurtadas, alguns processos podem ser melhorados, e as redes sociais elas trazem isso, uma coisa que também é interessante citar sobre isso, é que na verdade nós estamos falando de uma representação. (Depoimento do “Participante 4” concedido para esta pesquisa em 8 de março de 2023).

O período pandêmico, referente ao Corona Vírus, pode ser compreendido como um fato social que impactou a vida de todos os sujeitos, de maneira em que todas as atividades presenciais foram interrompidas e tiveram que se adaptar para atividades remotas. Nesse contexto, as danças e outras atividades que dependiam de contato físico entre os participantes deixaram de ocorrer, e o CTG Província Gaúcha, surgiu e se manteve nesse período, realizando atividades de capacitação e transmissão de capital cultural.

Por sua vez, o jovem apresentou um papel de agência social muito significativo nesse momento, pois por se tratar de uma geração que cresceu em meio do avanço tecnológico, proporcionou maior habilidade de manejo do uso das redes sociais para o contato entre os praticantes, afirmação da identidade gaúcha e transmissão de informação. Assim, a prática tradicionalista é também reinventada, e sofre a influência direta dos agentes que as selecionam e consomem o conteúdo, como expressa Luvizzoto (2010) ao analisar a transmissão da cultura gaúcha em um ambiente digital:

O ato de buscar informação em ambientes informacionais digitais que disseminam os elementos da tradição gaúcha pode ser entendido como um exercício de reconstrução subjetiva do conhecimento. Então, pode-se dizer que, no caso das tradições divulgadas via Internet, elas são duplamente (re) inventadas: estão submetidas às perspectivas de quem seleciona, organiza e dissemina os conteúdos tradicionais e à lógica reconstrutiva daqueles que buscam tais informações. (LUVIZZOTO, 2010, p. 140).

Dessa maneira, é importante destacar a resiliência do movimento tradicionalista gaúcho, que mediante desafios impostos pela pandemia, encontrou formas de se reinventar e transmitir sua cultura através da tecnologia, e assim, os integrantes puderam manter as práticas de socialização e fortalecimento dos laços comunitários. Além disso, ressaltou a atuação da geração jovem, que demonstrou habilidade em lidar com as ferramentas tecnológicas e impulsionar mudanças positivas, contribuindo para a reinvenção das tradições, mantendo-as vivas e relevantes em um mundo globalizado e em constante transformação. Assim, a superação do antagonismo entre tradição e modernidade se mostrou possível e necessária para a continuidade dessa expressão cultural.

7. Considerações Finais

Este artigo abordou o poder de agência dos jovens participantes do Movimento Tradicionalista Gaúcho para a reinvenção das tradições na sociedade contemporânea. Através da pesquisa, foram identificadas as motivações para sua participação, assim como as contribuições e desafios enfrentados em um movimento cultural institucionalizado, no qual a geração mais velha, que historicamente ocupa uma posição hierárquica superior, valoriza tradições e outros elementos antagônicos a certos aspectos da modernidade.

Dessa maneira, são adotadas estratégias a fim de garantir a perpetuação do tradicionalismo no contexto social atual. Dentre elas, destacam-se o caráter ritual, em que as diferenças e questões que possam gerar conflitos políticos e ideológicos são deixados para o lado ‘de fora’. Assim a solidariedade se constrói nas semelhanças representadas, que evocam a ideia de comunidade. Isto apesar de cada vez mais as pautas identitárias terem aparecido nas discussões, sinalizando a necessidade de valorização da diferença como demanda social, dentro e fora dos espaços de representação cultural.

Nesse contexto, ao se pensar principalmente na atuação dos jovens, a reinvenção das tradições se dá pela inclusão das questões próprias da sua unidade geracional, que gera uma coesão social resultante do seu engajamento nesse processo, levando a uma conexão geracional. Desta maneira, emerge no MTG a necessidade de abordar pautas sociais que promovem a diversidade das identidades. Além disso, destaca-se a utilização crescente dos meios tecnológicos como ferramentas para afirmação da identidade dos jovens, impulsionando assim um processo de hibridização cultural. Ressalte-se que essa renovação cultural foi ainda mais propiciada pela pandemia, uma vez que as práticas tradicionais tiveram que ser rapidamente reinventadas e adaptadas para um meio virtual devido ao distanciamento social exigido.

No entanto, é necessário considerar que esses aspectos apresentados não servem para embasar todas as juventudes existentes, mas que, segundo a teoria Mannheiniana, a situação de classe reflete igualmente na forma específica de se pensar. Nesse contexto, ao considerarmos jovens de classe média alta, que dispõem de alto capital cultural propiciado pela família, observamos a construção de um *habitus distinto*. Essa configuração, compartilhada por indivíduos expostos a condições semelhantes em suas

trajetórias, pode ser utilizada para compreender fenômenos similares e estimular o interesse nas pesquisas acerca dos modos de pensar e agir das diversas juventudes.

Assim os objetivos da pesquisa foram cumpridos, pois foi possível identificar os motivos pelos quais os jovens têm interesse em participar ativamente da tradição. Os elementos percebidos se referem a uma ampla gama de possibilidades oferecidas pelos CTGs. Dentre elas, podem-se destacar, alinhando-nos com a teoria de Bourdieu (1974) um meio para a aquisição de capital cultural, pois representa um espaço de continuidade institucionalizada dos *habitus* e valores familiares. Assim como o capital social e a distinção, de forma legitimada e reconhecida, devido a glamourização dos cargos que se pode ocupar nesse campo.

A inserção dos indivíduos em contextos nos quais se identificam e podem desempenhar papéis como agentes sociais de mudança, sendo reconhecidos e valorizados, resulta na vivência do sentimento de pertencimento. Tal experiência é essencial para o ser humano, uma vez que este é intrinsecamente social. Deste modo, ao pertencer a uma tradição, as gerações como velhos e novos portadores de cultura realizam trocas culturais, perpetuando a experiência das gerações através de símbolos e elementos específicos, com uma marca geracional.

Essas trocas promovem embates entre as gerações, mas esse processo é uma inovação necessária para que ocorra a continuidade da transmissão de cultura através das ferramentas e perspectivas das gerações que vêm surgindo. Há um consenso no Movimento de que certas coisas são tradicionais, e que o caráter ritual deve ser mantido para que não se perca aquilo que há de essencial na tradição. Porém, cabe ao jovem, a partir a flexibilidade, a seleção e a reformulação das práticas agir para reinventar as que devem ser propagadas e as que devem ser reformuladas a partir das novas informações.

Por fim, é importante compreender que o Movimento Tradicionalista Gaúcho está constantemente se reinventando para se perpetuar, atendendo às demandas da sociedade em constante transformação em que se insere. Nesse contexto, a juventude não serve apenas como mero receptor das decisões, mas participa ativamente desse processo de mudança como um importante agente social e mediador entre as gerações.

Referências

ADELMAN, Miriam; FRANCO, César Bueno; PIRES, Andressa Fontana. Ruralidades atravessadas: jovens do meio campeiro e narrativas sobre o Eu e o (s) Outro (s) nas redes sociais. **Cadernos Pagu**, 2015.

ARENHARDT, Ramon Luiz. **O movimento tradicionalista gaúcho na perspectiva de crianças e adultos**: o que ensinam e aprendem em centros de tradições gaúchas de Mato Grosso. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, 2014.

BRUM, Ceres Karam. O Gauchismo e as escolas: a diversidade cultural em questão. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 649-667, abr./jun. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

FORACCHI, M. M., **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

GARCIA, Celso Dionatan Konflanz. **A moderna tradição gaúcha: um estudo sociológico sobre o tradicionalismo gaúcho**. 2013. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HOBSBAWM, Eric; Ranger, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LUVIZZOTO, Caroline Kraus. **A racionalização das tradições no contexto da modernidade tardia**: o caso das tradições gaúchas. Marília, 2010. Tese de doutorado UNESP.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACIEL, Maria Eunice. **Le Gaúcho Brésilien**: identité culturelle dans le sud du Brésil. Tese (Doutorado em Sociologia) – Université Paris, Paris, 1994.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações** [tradução: Cláudio Marcondes], In.: FORACCHI, Marialice M. (org), Karl Mannheim: Sociologia, São Paulo, Ática, 1982.

MEDINA, J., Ruiz, M., Almeida, D. B. L., Yamaguchi, A., y Marchi Jr, W. As Representações da Dança: uma Análise Sociológica. **Revista Movimento**, 14 (2) 99-113, 2008.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **O que é MTG?**. Carta de Princípios (1961). Disponível em: <https://www.mtg.org.br/o-que-e-mtg/>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

MTG Paraná. **Quem somos?** Disponível em: <https://www.mtgparana.com.br/>. Acesso em: 12 de abril de 2023

MTG Paraná. **História.** Disponível em: <https://1rtmtgpr.com.br/historia/>. Acesso em: 09 de abril de 2023.

MOURA, Maria Izabel. Movimento Tradicionalista Gaúcho. **Caderno do Piaí 21**, edição 217 – outubro de 2019. Disponível em: <https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Caderno-do-Pia-Outubro-2019.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2023.

ROSSI, Rossana Cassanta. As gurias do Sul: representações das jovens gaúchas em artefatos culturais midiáticos impressos. **Olhar de Professor**, v. 9, n. 1, 2006.

SIMON, Pedro. **A diáspora do povo gaúcho**. Brasília: Senado Federal, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. **Lei Nº 4.850**, de 11 de dezembro de 1964. Oficializa a "Semana Farroupilha" e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2004.850.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2023.